Plano de mediação. Nova proposta para tentar encontrar saída diplomática à crise nuclear do Irã envolveria a participação de um terceiro mediador, a Suécia; em Nova York para reunião da ONU, chanceleres dos três países encontraram-se ontem em almoço

Brasil e Turquia avaliam retomar pacto da era Lula sobre programa iraniano

Leonencio Nossa
ENVIADO ESPECIAL
Gustavo Chacra
CORRESPONDENTE
NOVA YORK

Os governos do Brasil e da Turquia avaliavam ontem a possibilidade de retomar a Declaração de Teerã, um acordo construído pelos dois países em 2010 para intermediar a crise provocada pelo programa nuclear iraniano. Desta vez, a parceria contaria com a Suécia.

Num almoço ontem em Nova York, os ministros de Relações Exteriores Antonio Patriota (Brasil), Ahmet Davutoglu (Turquia) e Carl Bildt (Suécia) discutiram as afinidades dos discursos contra soluções de intervenção militar.

No encontro, os ministros reafirmaram que os governos brasileiro, turco e sueco consideram que o diálogo deve prevalecer na busca de uma solução também para o caso da Síria. Eles demonstraram ainda preocupação com o clima de intolerância religiosa que pode ser usado como combustível para intervenções militares, disseram diplomatas brasileiros.

Em maio de 2010, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o primeiro-ministro turco, Recep Tayyip Erdogan, assinaram acordo com o governo iraniano que obrigaria Teerã a entregar 1.200 quilos de urânio de baixo enriquecimento para ser armazenado na Turquia. O governo dos EUA fez críticas imediatas à intermediação do Brasil e da Turquia e conseguiu aprovar, no mês seguinte, a Resolução 1.929 na ONU, com uma série de sanções contra o Irã.

A vitória dos EUA no Conselho de Segurança da ONU foi arrasadora. Dos 12 membros do conselho, Brasil e Turquia foram os únicos países que votaram pela rejeição à proposta de sanções contra o Irã. O Líbano, que se posicionava ao lado de brasileiros e turcos, absteve-se. Embora o Brasil tenha deixado o assento temporário no Conselho de Segurança, a proposta de uma solução negociada teria mais condições de ser aprovada, avaliam diplomatas.

Na época, a China e a Rússia votaram em favor de sanções contra Teerã, mas conseguiram diminuir o impacto do texto que os EUA, a França, a Grã-Bretanha e a Alemanha elaboraram.

Depois da crítica americana e da derrota no Conselho de Segurança da ONU, Lula e Erdogan reclamaram que o próprio presidente dos EUA, Barack Obama, tinha solicitado por meio de cartas uma intermediação dos dois países na crise com o Irã.

Patriota e Davutoglu chegaram a falar claramente no almoço de ontem que, agora, uma Declaração de Teerã teria mais aceitação de outros países. A presença da Suécia seria o primeiro sinal de que a discussão internacional sobre o programa iraniano poderia ter mais mediadores.

Síria. Com 20 mil mortos a mais na Síria em relação ao ano passado e o conflito civil se agravando cada vez mais, a Assembleia-Geral da ONU inicia hoje um debate com o tema "Respeito à lei e prevenção de guerras", em uma clara advertência da entidade para o fracasso da comunidade internacional na tentativa de resolver a crise síria.

O grande destaque desta semana no fórum será a presença de líderes eleitos democraticamente depois da Primavera Árabe, como o presidente do Egito, Mohamed Morsi, além de governantes da Líbia e da Tunísia. Essa assembleia também será a última de Mahmoud Ahmadinejad, presidente do Irã, que encerrará seu mandato no ano que vem.

Como sempre ocorre, o discurso de abertura será do Brasil, com a presidente Dilma Rousseff. Em seguida, será a vez de Barack Obama, que tem dado pouca atenção à assembleia.

Obama deve usar tribuna para obter ganho eleitoral

● Embora os americanos deem pouca importância para a Assembleia-Geral da ONU, com a população ignorando os discursos de líderes de países como a Grã-Bretanha, China, Brasil e França, o presidente Barack Obama deve usar o palco para, mais uma vez, tentar se colocar como uma figura forte em política externa, uma das áreas em que supera o rival republicano Mitt Romney, segundo as pesquisas. De acordo com a Casa Branca, Obama deverá mencionar os levantes anti-EUA no mundo islâmico, deixando claro que seu governo não deixará de lado o apoio à Primavera Árabe. "É momento de os EUA defenderem seus valores e liderança neste período de transição", disse o porta-voz Jay Carney (*mais sobre eleição no EUA na página A13*). / G.C.

Lembrancinha

TIMOTHY A. CLARY/AFP

Ato. Cerca de 180 ativistas protestam contra a visita de Ahmadinejad aos EUA em frente ao Hotel Warwick, em Nova York

LÍDER IRANIANO GANHA KIT JUDAICO

Jornal dá cesta de Yom Kippur a Ahmadinejad

Um dia antes de vociferar em Nova York que os "israelenses não têm raízes no Oriente Médio" (*mais informações nesta página*), o presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, foi agraciado com um presente improvável: uma cesta de produtos judaicos, incluindo o bolinho de peixe gefilte e uma lata de sopa borscht, além de um ingresso para o espetáculo *Old Jews Telling Jokes* ("Velhos judeus contando piadas"), sucesso do circuito alternativo da Broadway, impresso com seu nome.

A lembrancinha de boas-vindas à cidade com mais judeus no mundo depois de Tel-Aviv foi obra do tabloide conservador *New York Post*, conhecido pelas manchetes sensacionalistas e fotos indiscretas. "Sinta o amor, Mahmoud – e prove o gefilte", dizia o cartão na cesta, que foi entregue à delegação iraniana hospedada no luxuoso Warwick Hotel, na região de Midtown, em Manhattan. Os diplomatas de Teerã recusaram o "presente".

Além de produtos judaicos, a cesta trazia um mapa de Nova York, uma bandeirinha dos EUA e um folheto do Museu do Holocausto. O líder iraniano enfureceu o Ocidente ao promover, em 2006, uma conferência sobre a "farsa" do genocídio da 2.ª Guerra.

Ahmadinejad discursará na Assembleia-Geral das Nações Unidas durante o Yom Kippur, o Dia do Perdão, o mais importante do calendário judaico. Uma vigília contra o presidente foi montada diante do Warwick, hotel que costumava abrigar Elvis Presley e recebeu os Beatles na primeira viagem da banda aos EUA. A presença de Ahmadinejad também mobiliza um amplo aparato da polícia. / NYT

estadão.com.br

Ao vivo. A cobertura online da Assembleia-Geral
www.estadao.com.br/e/ONUaovivo

PONTOS-CHAVE

Os temas mais quentes na agenda

● Crise na Síria
A onda de violência que há 18 meses assola a Síria deverá ser objeto de discursos e de reuniões a portas fechadas. Decisão sobre crise, porém, é improvável

ARIEL SCHALIT/REUTERS

● Programa nuclear iraniano
Israel, do premiê Binyamin Netanyahu (*foto*), tenta colocar ênfase no avanço nuclear de Teerã. A presença de Ahmadinejad recebe ampla atenção da imprensa

ANDRES KUDACKI/AP

● Economia global
Com novas dificuldades na Espanha, economia volta à agenda "política". Brasil critica injeções de liquidez em países desenvolvidos

Israel é uma fase passageira no Oriente Médio, diz Ahmadinejad

Em Nova York para reunião da ONU, líder iraniano minimiza ameaças recebidas em razão de programa nuclear

NOVA YORK

Um dia depois de receber do secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, um pedido para controlar "declarações incendiárias", o presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, afirmou ontem que os israelenses não têm raízes históricas no Oriente Médio. Ele disse ainda que a existência de Israel é apenas uma fase passageira na longa história da região.

Ahmadinejad, que chegou a Nova York no domingo para a reunião anual da Assembleia-Geral, fez os comentários num café da manhã com a imprensa e depois falou por uma hora nas Nações Unidas. Na reunião da manhã, ele afirmou que os israelenses estão na região há apenas 60 ou 70 anos. "Eles não têm raízes na história desse lugar", afirmou.

Numa reunião com iranianos que vivem em Nova York, no domingo, ele menosprezou a importância de Israel e as ameaças militares que este vem fazendo contra o seu país em razão do seu contestado programa nuclear.

"Os sionistas sem cultura que ameaçam a nação iraniana hoje nunca foram levados em conta e nunca receberam a menor atenção da nação iraniana", disse.

Sem mencionar nenhum país especificamente, o iraniano criticou os EUA por ignorarem o arsenal nuclear de Israel enquanto tentam fechar o programa nuclear do Irã. "Alguns membros do Conselho de Segurança com direito de veto escolheram o silêncio no que diz respeito às ogivas nucleares de um regime falso, impedindo ao mesmo tempo o progresso científico de outras nações", disse. O Irã nega que seu programa nuclear tenha fins militares.

SHANNON STAPLETON/REUTERS

Retórica. Ahmadinejad discursa em evento da ONU em NY

Ahmadinejad ainda ironizou a relação entre Israel e EUA, insinuando que os americanos têm recebido ordens de seus aliados. "São os sionistas que devem dizer ao governo americano o que fazer, como impor uma linha vermelha nos assuntos nucleares do Irã? O governo dos EUA tem de tomar este tipo de decisão vital sob a influência sionista?"

Ahmadinejad atacou indiretamente os EUA e outros países por defenderem a liberdade de expressão mesmo quando ela denigra uma religião, numa referência ao vídeo online que ataca o profeta Maomé e incitou, nas três últimas semanas, manifestações em todo o mundo muçulmano. "Eles próprios invocam erradamente a carta da ONU e fazem mau uso da liberdade de expressão para justificar o seu silêncio quando se trata de ofensas aos princípios sagrados da comunidade humana e aos profetas divinos", disse o iraniano.

O presidente iraniano, que tem mais nove meses no cargo, deverá discursar na Assembleia-Geral amanhã, coincidindo com o Yom Kippur, o dia mais santo do judaísmo. / NYT

Fonte: O Estado de S. Paulo, São Paulo, 25 set. 2012, Primeiro Caderno, p. A12.